Congresso Brasileiro de Sociologia
Brasília, 26 a 29 de Julho de 2017

GT "As cidades no Século XXI"

Qual Cidade do futuro ?
Sob as Atopias urbanas*

Rogerio Proença Leite** (PPGS/UFS)

Resumo
A dimensão alargada do consumo e a transformação do *ser* em *ser-valor*, e tudo que existe em mercadoria, tem tornado a sociedade contemporânea a expressão mais cabal da *Sociedade de Consumo*, cuja principal característica é o excesso, a banalização da vida, o descarte, a expulsão humana, a obscenidade violenta das trocas. Desde Nietzsche, Marx, Simmel, Weber e Heidegger, essa dimensão reificada das relações de troca se destaca na teoria sociológica. Simmel, autor referencial para os estudos urbanos contemporâneos, já havia discutido em sua Filosofia do Dinheiro e na sua critica à cultura moderna, este que seria um dos aspectos predominantes da modernidade e que foi alvo das duras criticas niilistas de Nietzsche e Heidegger sobre a racionalidade moderna. A ideia de uma equivalência geral de valores conferiu mais do que uma mera operacionalidade às trocas: nivelou em patamares semelhantes sujeito e objetos. A cidade Atópica, com suas inescapáveis frustações de metas inatingíveis de sucesso, produção e felicidade, pode nos fazer pensar que não mais seria possível alguma alternativa de emancipação, tal como fora proposto inicialmente pelo projeto moderno. Restaria o niilismo para entendermos a vida empobrecida de sentido nas megacidades contemporâneas?

In progress

Introdução

Desde Nietzsche, Marx, Simmel, Weber, Marcuse e Heidegger, dentre outros importantes nomes da sociologia e da filosofia; e de Malinowski, Mauss, Sahlins e Mary Douglas, dentre tantos da melhor tradição antropológica; que se reconhece a importância das trocas na estruturação da vida em sociedade. Simmel (2011), autor referencial para os estudos urbanos contemporâneos, já havia discutido em sua *Filosofia do Dinheiro* e na sua crítica à cultura moderna, este que seria um dos aspectos predominantes da

* Esse *paper* é parte da pesquisa "Cidade Atópica: ensaios *sob* a consumação urbana", resultante de um Pós-Doutoramento em Sociologia, realizado em 2014/2015, no Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, com bolsa Sênior CAPES (Proc. 1892/14-2), Ministério da Educação, Brasil.

** Professor Titular em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS). Sociólogo e Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP) com Pós-doutorado em Sociologia pela Univ. Coimbra. Pesquisador 2 do CNPq e Editor da Revista Brasileira de Sociologia, da Sociedade Brasileira de Sociologia-SBS.

modernidade e que foi alvo das duras críticas niilistas de Nietzsche e Heidegger sobre a racionalidade moderna. A ideia de uma equivalência geral de valores, contudo, como destaca Vandenberghe ao analisar Simmel, conferiu mais do que uma mera operacionalidade às trocas: nivelou em patamares semelhantes entre sujeito e objetos:

> "Na troca, tudo se passa como se a relação fundamental do sujeito com o objeto, que é uma condição do valor, passasse aos objetos eles mesmos para permitir mensura-los uns em relação aos outros" (Vandenberghe, 2012, p. 227).

A chamada "cultura de consumo", como destaca Featherstone (1995), refere-se exatamente a uma lógica mais ampla de estruturação da sociedade, baseada no princípio da troca. Bauman (2008) igualmente aborda a forma mais extrema do consumo que consiste na transformação das próprias pessoas em mercadorias, em cuja situação a troca passaria a modelar relações sociais. Possivelmente, a clássica proposição de Lévi-Strauss, para quem "o consumo serve para pensar", orientou parte da reflexão mais contemporânea sobre os significados sociais do consumo, a exemplo das análises de Canclini (1996) quando buscam apreender a dimensão política e cultural das práticas de consumo e procura entender o mercado para além de um mero lugar de troca, mas como espaço social de interações complexas: "consumir es también, por lo tanto, intercambiar significados" (Canclini, 1993: 29)

Por outro lado, o consumo deve ser entendido, assim, não apenas como mero e desejável acesso a bens e produtos (sejam materiais ou simbólicos), mas também como aceitação e construção ativa das pessoas em uma cosmovisão de mundo mais ampla, engendrada reflexivamente por processos sociais complexos, assentes na ideia de que o valor de troca das *coisas* define sua importância no mundo. É essa dimensão mercadológica que circunscreve as práticas de consumo na sociedade contemporânea em rotineiros mecanismos de reprodução da vida, e que gera a transformação do *ser* em *ser-valor,* na dimensão alargada do consumo.

É nesse sentido que sugerimos aqui que o excesso de mediação da vida social pelo consumo tem tornado a sociedade contemporânea a expressão mais cabal da *Sociedade de Consumo*, cuja principal característica é a banalização da vida, o descarte, a expulsão humana, a obscenidade violenta das trocas.

In progress

Cidade Atópica

Uma das principais marcas da sociedade contemporânea é um certo alheamento decorrente de uma cultura do trabalho excessivo, estimulada por uma ideia de rendimento acelerado da produção que gera serviços, ideias e mercadorias em excesso, para a troca financeira, mercadológica ou simbólica. O excedente e excessivo trabalho que origina as mais dinâmicas formas de mais-valia contemporânea também gera esse valor demasiado que retroalimenta a produção de valores de troca em grande escala. E é justamente na cidade onde tudo isso decanta de forma mais visível e imediato.

O que sugeri chamarmos de Cidade Atópica (Leite, 2016) é justamente a cidade que é a manifestação mais incisiva, violenta e excessiva da *Sociedade de Consumo.* Atópica é, assim, uma *situação* de cidade; cidade que é obscena pelo fluxo positivo do capital e da excessiva visibilidade que a tudo expõe como valor, e que subsume as *tensões negativas* da vida cotidiana.

As cidades reais estão longe dos paradisíacos refúgios turísticos das classes altas, anunciados pelas agências de turismo global, como mercadorias supostamente acessíveis a todos. Não há praias de águas azuis cristalinas nas reais cidades do trabalho e da *transparência obscena* do consumo. O ritmo cotidiano é uma marcha mecanizada de passos certos e largos. O ar é intenso, ininterrupto, sufocante. As pessoas estão sempre apressadas, focadas em suas metas imediatas e com o horizonte apontado para um futuro meio incerto, mas que ninguém ousa duvidar dele; poucos são tolerantes com quem obstaculiza o fluxo corrente do trânsito, do tempo, do trabalho, da vida que precisa fluir como uma espiral alucinada para preencher o vazio das frustações recorrentes e das metas sempre alteradas como se a vida fosse um jogo de pôquer. Essa configuração urbana encontra-se imersa nas relações globais de troca e se constitui como núcleo produtivo pós-industrial, é contrária às tensões negativas da vida cotidiana porque hiperativa e *lócus* do sujeito do rendimento. A cidade Atópica é uma cidade *lisa*[1].

Nesse contexto, a finalidade estético-político dos processos urbanístico passa a ser a criação de espaços públicos higienizados: sem sombras, sem ranhuras, sem

[1] Na perspectiva de Deleuze & Guattari (1997), os espaços *lisos* se distinguem dos *estriados* porque subordinam os trajetos aos pontos, enquanto nos espaços *lisos* os pontos é que estão condicionados ao percurso.

In progress

rugosidades, sem *estranhos*. Um espaço urbano idealmente projetado para o consumo deve ser *transparente*, límpido, asseado, luminoso. O espaço urbano da produção e consumo é um no qual não cabem entraves *negativos*. Toda oposição negativa à *positividade* do consumo e do alheamento político devem ser suprimidos.

Assim, a cidade Atópica, com suas inescapáveis frustações de metas inatingíveis de sucesso, produção e felicidade, pode nos fazer pensar que não mais seria possível alguma alternativa de emancipação, tal como fora proposto inicialmente pelo projeto moderno.

Face ao diagnóstico crítico, cabe a indagação sócio-filosófica: se o *ser* não pode escapar de sua condição de *ser-valor*, como poderia emancipar-se estando imerso na atopia da sociedade de consumo ?

A ideia de que as ações humanas de contestação em diferentes eixos de conflitualidade podem ocorrer nas zonas intersticiais da vida cotidiana ou das relações de poder é ainda oportuna e tem forte apelo heurístico. A ideia tem apelo exatamente porque remete o debate a formas ordinárias, e não necessariamente organizadas, de manifestação, dissenso e disputa; e nem por isso menos importantes para compressão da politica como ação simbólica. Com Byung-Chul Han (2014b) podemos pensar que uma ação radical poderia romper a contiguidade do poder nas Atopias da sociedade. Talvez mais do que romper o poder centralizado, mediante ações táticas nos entre-espaços, seria necessário uma ruptura mais contundente:

> "No inferno do igual, a chegada do outro atópico pode assumir uma forma apocalíptica. Ou formulado noutros termos: hoje, só um apocalipse pode liberta-nos – ou antes, só ele pode redimir-nos – do inferno na direção do outro". (Han, 2014b, p. 11)

Niilismo como crítica

O niilismo, como crítica social, está associado à critica à razão moderna e ao "fim" da modernidade. Para Gianni Vattimo (2007), a metáfora nietzschiana da morte de Deus encontra em Heidegger semelhante ressonância na ideia da redução do ser a valor, fato que o conduz a afirmação de que depois do ser nada mais há. O niilismo, que comporta diferentes abordagens, se expressa também nessa ideia de *negatividade* de Han, na medida em que a transparência é também uma forma de cilada da razão, posto que a tudo

In progress

transforma em valores explícitos que quedam o *ser* na generalidade da equivalência, em detrimento das singularidades que nos diferencia.

A essas *indefinições da equivalência universal,* que dissolvem o *ser*, corresponde ao "inferno do igual" ao qual se refere Byung-Chul Han. Estão todos a falar a mesma coisa: a sociedade moderna instalou de tal forma uma ideia de valor que a tudo subsumiu, tornando todos a *coisa mesma*, desprovida de maiores significações. Nas palavras de Nietzsche: "O que significa niilismo ? – que os valores supremos desvalorizaram-se. Falta o fim; falta a resposta ao "Por quê ?" (2008. P. 29).

A Cidade Atópica é justamente aquela que privilegia os lugares do consumo. Embora nem todos os lugares urbanos sejam *do* e *para* o consumo, parte da vida urbana nessa cidade tendem a se tornar *lisos*, na qual os *outros topos*, que representem alguma negatividade, não são reconhecidos – ou se são, também são rejeitados.

Nivelada pela *lisura* da mercadologização do mundo, a *Cidade Atópica* também tende a transformar os espaços da *diferença* em nichos do consumo (heterotopias consumíveis). O consumo individualizado e singular, embora diferenciado e singlar ainda é consumo. Se a diferença for transmutada em meros itens de distinção pelo consumo no mercado de bens simbólicos, a diferença pode ser simplesmente subsumida na igualdade do *ser-valor*:

> A negatividade do outro atópico subtrai-se ao consumo. Assim, a sociedade do consumo visa eliminar a alteridade atópica a favor de diferenças consumíveis, *heterotópicas*. A diferença é uma positividade, no que se contrapõe à alteridade. Hoje, em todos os lados, a negatividade desaparece. Tudo se achata de modo a poder tornar-se objeto de consumo (Han, 2014c, p. 10)

Entendia Nietzsche que o niilismo era o único e inevitável refúgio para quem já não mais contaria com a redenção da promessa de emancipação moderna, seja pela via do cristianismo, fosse pela opção da racionalidade científica: "A derrocada da interpretação moral do mundo, que não tem mais nenhuma sanção depois de ter tentado refugiar-se no além: termina no niilismo" (Nietzsche, 2008. P. 27)

A superação do niilismo seria para Nietzsche a forma mais eficaz de sobrepujar a perda de sentido do mundo com a "morte de Deus" e a perda do sentido escatológico da teodiceia cristã e sua concepção de uma salvação transcendente. Contudo, somente refutando também os valores da sociedade de consumo, que a tudo transforma em valor, seria possível se elevar para além do desespero e desamparo da metafisica cristã e da

In progress

razão ocidental. A abordagem de Nietzsche que resulta na possibilidade de superação ou consumação do niilismo tem sua origem nas reflexões acerca da "eternidade do tempo": a morte de Deus significa a perda das ideias de começo e de sentido final (Barbosa, 2010).

A superação (ou consumação) do niilismo e da ideia de escatologia em Nietzsche está mais ou menos apresentada no aforismo 361 de *A Gaia Ciência*, quando um demônio revela que teríamos que viver tudo de novo que já vivemos, sem que haja nada de novo em nossa vida; que toda a dor e prazer hão de retornar sempre. O eterno retorno em Nietzsche condensa a ruptura com a linearidade do tempo e ensaia sua mais contundente critica à modernidade cristã. Estar condenado a viver tudo de novo é uma pós-metafisica que inaugura uma perspectiva existenciária do ser. Por outro lado, a ideia de superação do niilismo depende da forma como o ser vislumbra sua condição niilista: a ideia de redenção também está metaforizada em *Assim falava Zaratustra*, na alegoria em que uma serpente negra (o niilismo) tenta asfixiar um pastor. Nessa situação, somente ele mesmo pode livrar-se dela ao lhe morder a cabeça. Ao mordê-la, o pastor se liberta e ri; ri muito.

> "Essa alegoria ensina, pois, que a superação do niilismo depende de uma decisão suprema da vontade pela qual liberamos nossa existência do niilismo e damos o primeiro passo em direção a um *über*, a um além do homem (*Mensch*) como modo novo de ser e existir. (Meca, 2013, p. 185)

A vida que emerge da experiência pós-niilista somente pode ser compreendida sem as amarras da razão normativa e das determinações metafísicas religiosas. A reelaboração do tempo ocorre na dimensão fática da vida cotidiana: "(...) "Vida fática" quer dizer: nosso próprio ser-aí enquanto "aí" em qualquer expressão aberta no tocante a seu ser em seu caráter ontológico" (Heidegger, 2012, p. 14). Em sua Analítica do *Dasein*, Heidegger destaca precisamente que "A 'essência' do Dasein reside em sua existência" (2012, p. 139). Essa existência, contudo, precisa ser compreendida como fenômeno, como "*o-que-se-mostra-em-si-mesmo*" (2012, p.103).

O mostrar-se do ente, o ser revelado em sua expressão mais límpida torna a fenomenologia uma analítica do *ser-não-encoberto*. A expressão fenomenológica do *ser-aí enquanto "aí*" se coaduna com o ser que se revela para além da temporalidade linear e adstrita das metanarratrivas de emancipação pela razão ou da salvação pela religião institucionalizada. A superação do niilismo implica o *ser-no-mundo* sem disfarces:

In progress

imerso em sua cotidianidade não linear que o permite repensar o sentido da vida: a reinterpretar-se e reinterpretar o mundo.

O eterno retorno pode ocorrer de várias formas. Uma dela reside nas estações do Ano. Outono, Inverno, Primavera, Verão. Quando finda a última estação, o tempo tropeça em sua linearidade e cai de novo como as folhas do Outono. O ciclo da vida social recomeça. O tempo curvo retorna e sempre se pode fazer da contingência uma possibilidade de vivenciar, no presente, o passado e o futuro. O Fluxo da *Cidade Atópica* se repete a cada estação, mas não de modo linear: ele também se curva às mesmas estações do ano que se repetem no eterno retorno do presente infinito.

Consumar-se no niilismo seria o equivalente a manter-se como um mero *ser-valor*, depois do qual "*nada-mais-há*". A transvaloração dos valores, necessária para superarmos nossa alienante condição niilista, e de *ser-valor-mercadoria*, necessita uma "decisão de vontade" que passa pela recusa e de contraposição forte da Atopia da vida e da cidade contemporânea e seus fluxos positivos pretensamente lisos e lineares. A nova cidade pede *negatividades* que contestem a *mera vida*; demandam um *ser* transvalorizado: simples, tópico, sereno, um *ser-para-a-morte* em sua condição de infinito retorno e consequente sublevação. E que seja tanto capaz de ri do mundo quanto de si mesmo.

Referências

BARBOSA, Ildenilson Meireles. (2010), "O pensamento do eterno retorno e da vontade de poder como superação das teleologias cristã e científica", Revista *Trágica: estudos sobre Nietzsche* – Vol.3 – nº1

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (Org.). (2006), *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

BAUDRILLARD, Jean. (1981), *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa, Edições 70.

BAUDRILLARD, Jean. (2014), *A Sociedade de Consumo*. Lisboa, Edições 70.

CANCLINI, Néstor García. (1993), *El Consumo Cultural en México*. México, Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.

CANCLINI, Néstor García. (1996), *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI,, Félix. (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* Vol. 5. São Paulo, Editora 34.

FEATHERSTONE, Mike. (1995), Cultura *de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel.

In progress

HAN, Byung-Chul. (2014), *A Sociedade da Transparência*. Lisboa, Relógio d'Agua Editores.
HAN, Byung-Chul. (2014b), *A Sociedade do Cansaço*. Lisboa, Relógio d'Agua Editores.
HAN, Byung-Chul. (2014c), *A Agonia de Eros*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
HEIDEGGER, Martin. (2012), *Ser e Tempo*. (Edição bilíngue Português/Alemão, traduzida e organizada por Fausto Castilho). Campinas, Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro, Vozes.
LEITE, Rogerio Proença. (2007), *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2 ed. Campinas, Editora da Unicamp.
LEITE, Rogerio Proença. (2010), "A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea". *Dados*, vol. 53, no.3, Rio de Janeiro. doi.org/10.1590/S0011-52582010000300007
LEITE, Rogerio Proença (2013), "Consuming Heritage: Counter-uses of the city and gentrification", *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 10, n. 1. January to June. DOI: 10.1590/S1809-43412013000100009.
LEITE, Rogerio Proença, (2016). "Atopic City: Consumption and Death in Urban Life". *Current Urban Studies*, 4, 280-296. DOI: 10.4236/cus.2016.43019
MECA, Diego Sánchez. (2013), "Nietzsche ou a eternidade do tempo". *Cad. Nietzsche*, São Paulo, n. 33, p. 181-196.
MILLER, Daniel. (2007), "Consumo como cultura material". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez.
NIETZSCHE, Friedrich. (2008), *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro, Contraponto.
SIMMEL, Georg. (1997), "A metrópole e a vida do espírito". In: FORTUNA, Carlos (org) *Cidade, Cultura e Globalização*. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora.
SIMMEL, Georg. (2011). The Philosophy of Money. London: Routledge.
VANDENBERGHE, Frédéric. (2012), *Uma Historia Filosófica da Sociologia Alemã*. Alienação e Reificação. Vol. 1. São Paulo, Annablume.
VATTIMO, Gianni. (2007), *O Fim da Modernidade; niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. 2ª. Ed., São Paulo, Martins Fontes.

In progress